

KAZUO ISHIGURO

MINHA NOITE NO
SÉCULO VINTE

E OUTROS PEQUENOS
AVANÇOS

TRADUÇÃO

Antônio Xerxenesky


PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

OBRAS DO AUTOR

O gigante enterrado

Não me abandone jamais

Noturnos

Quando éramos órfãos

Os vestígios do dia

Uma pálida visão dos montes

Um artista do mundo flutuante

O desconsolado

Copyright © 2017 by The Nobel Foundation
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

My Twentieth Century Evening and Other Small Breakthroughs

Capa

Alceu Chiesorin Nunes e Claudia Espinola de Carvalho

Ilustração de capa

Marzolino/ Shutterstock

Preparação

Livia Deorsola

Revisão

Angela das Neves

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ishiguro, Kazuo

Minha noite no século XX : e outros pequenos avanços /
Kazuo Ishiguro ; tradução Antônio Xerxenesky. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: My Twentieth Century Evening and
Other Small Breakthroughs

ISBN 978-85-359-3090-0

1. Discursos 2. Ficção inglesa — Escritores japoneses 3.
Ishiguro, Kazuo, 1954- 4. Literatura — Prêmios Nobel 5.
Romancistas ingleses — Biografia 1. Título.

18-13132

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Romancistas ingleses : Prêmio Nobel : Discursos :
Literatura japonesa em inglês 823.91

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Discurso do Nobel lido em Estocolmo no
dia 7 de dezembro de 2017.

O prêmio Nobel de Literatura de 2017 foi entregue a Kazuo Ishiguro, “que, em seus romances de grande força emocional, revelou o abismo sob nossa sensação ilusória de conexão com o mundo”.

Academia Sueca

SE VOCÊ SE DEPARASSE comigo no outono de 1979, teria, talvez, dificuldade para me situar em termos sociais ou até mesmo raciais. Eu estava, então, com 24 anos. Minhas características físicas eram as de um japonês, mas ao contrário da maioria dos homens japoneses vistos na Inglaterra daquela época, meu cabelo ia até os ombros

e eu usava um bigode inclinado para baixo como o de um marginal. O único sotaque discernível na minha fala era o de alguém que cresceu na região sul da Inglaterra, às vezes com inflexões do vernáculo lânguido e já datado da era hippie. Se conversássemos, poderíamos discutir o Carrossel holandês do futebol ou o último disco de Bob Dylan, ou talvez o ano em que passei trabalhando com moradores de rua em Londres. Se você mencionasse o Japão, me perguntasse sobre a cultura de lá, poderia até detectar um traço de impaciência na minha fala ao me ouvir declarar minha ignorância, pelo fato de eu nunca mais ter pisado naquele país — nem para as festas de fim de ano — desde que saí de lá, com cinco anos.

Naquele outono, eu havia chegado com uma mochila, um violão e uma máquina de escrever portátil a Buxton, no condado

de Norfolk — um pequeno vilarejo inglês com um velho moinho d'água e campos planos de fazendas por toda a parte. Fui para lá porque tinha sido aceito num curso de pós-graduação de um ano de escrita criativa na Universidade de East Anglia. A universidade ficava a dezesseis quilômetros de distância, na cidade de Norwich, mas eu não tinha carro, e o único meio de transporte que eu tinha seria pegar um ônibus que passava uma vez de manhã, outra na hora do almoço e outra à noite. Mas isso, logo descobri, não representava uma grande dificuldade: raramente tinha de ir à universidade mais do que duas vezes por semana. Alugara um quarto em uma pequena casa cujo proprietário era um homem na faixa dos trinta e cuja esposa o abandonara recentemente. Sem dúvida, para ele, a casa estava povoada de fantasmas dos seus sonhos frustrados — ou talvez ele

apenas quisesse me evitar; de toda forma, ficava sem vê-lo por vários dias seguidos. Em outras palavras, após a vida frenética que levava em Londres, lá estava eu, diante de uma vasta quietude e solidão na qual poderia me transformar em um escritor.

Na verdade, meu pequeno quarto não era muito diferente do clássico sótão de escritores. O teto tinha uma inclinação claustrofóbica — ainda que, se eu ficasse na ponta dos pés, conseguiria ver, de uma das janelas, campos arados à distância. Havia uma pequena mesa, cuja superfície era ocupada quase por inteiro pela minha máquina de escrever e uma luminária. No chão, em vez de uma cama, havia um grande retângulo branco de espuma industrial que me fazia suar enquanto dormia, mesmo durante as noites amargamente frias de Norfolk.

Foi nesse quarto que examinei cuidado-

samente os dois contos que havia escrito no verão, perguntando-me se eram bons o suficiente para mostrar aos meus colegas. (Éramos, que eu me lembre, uma turma de seis, e nos encontrávamos uma vez a cada duas semanas.) Naquele momento da minha vida, eu tinha escrito pouca coisa digna de nota em termos de ficção em prosa, tendo obtido minha vaga no curso graças a um roteiro para rádio rejeitado pela BBC. Na verdade, como eu tinha traçado planos sólidos de me tornar uma estrela de rock ao chegar aos vinte, só recentemente havia tomado consciência das minhas ambições literárias. Os dois contos que eu agora escrutinava haviam sido escritos sob uma espécie de pânico, como resposta à notícia de que fora aceito pela universidade. Um era sobre um pacto suicida macabro; o outro, sobre brigas de rua na Escócia, onde passei um tempo